

As Megainstituições e a Instabilidade Financeira: Os Desafios para a Regulamentação Prudencial

*Megainstitutions and Financial Instability:
The challenges for prudential regulation*

MARCOS ANTONIO MACEDO CINTRA*
MARIA CRISTINA PENIDO DE FREITAS**

RESUMO: Este artigo analisa o processo recente de concentração financeira nos principais países industrializados. Ele revela que a formação de grandes conglomerados financeiros diversificados consolida os chamados “supermercados bancários ou financeiros de serviço completo” nos Estados Unidos e o *Allfinaz* na Europa. Também avalia o papel desempenhado por essas megainstituições na intensificação da instabilidade financeira devido ao crescente risco moral potencial e ao risco sistêmico. Por fim, lida com as dificuldades enfrentadas pelas autoridades na supervisão e controle desses megabancos.

PALAVRAS-CHAVE: Fusões e aquisições; bancos; instabilidade financeira; governança corporativa.

ABSTRACT: This paper analyses the recent process of the financial concentration in major industrialized countries. It reveals that the formation of large diversified financial conglomerates consolidates the so-called “full-service banking or financial supermarkets” in the United States and the *Allfinaz* in Europe. It also evaluates the role played by these megainstitutions in the intensification of financial instability due to increasing potential moral hazard and the systemic risk. Finally, it deals with difficulties faced by authorities in the supervision and control of these megabanks.

KEYWORDS: Mergers and acquisitions; banks; financial instability; corporate governance.

JEL Classification: G21; G34; L40.

A fusão do Citicorp e do Travelers Group, anunciada no dia 6 de abril de 1998, constituiu um megaconglomerado na área de serviços financeiros, ao reunir operações bancárias tradicionais, crédito ao consumidor, cartão de crédito, banco de

* Doutor em Economia pelo Instituto de Economia da Unicamp e pesquisador da Fundap/Diretoria de Economia do Setor Público, São Paulo/SP, Brasil. E-mail: mamcintra@gmail.com

** Doutora em Economia pela Université Paris XIII e pesquisadora da Fundap/Diretoria de Economia do Setor Público, São Paulo/SP, Brasil. E-mail: crispenido@uol.com.br

investimento, corretora de valores mobiliários, administração de recursos de terceiros e atividades de seguros. Essa fusão, a despeito de ter obtido aprovação do *Federal Reserve*, representa um desafio à legislação bancária, dado que o *Glass-Steagall Act*, de 1933, ainda em vigor, limita a atuação dos bancos comerciais nos segmentos de seguro e de subscrição de ações e bônus. No entanto, o Congresso americano, refém dos interesses dos pequenos bancos e das seguradoras, vem rejeitando sistematicamente as propostas de uma ampla reforma financeira.

Ainda em abril, o processo de concentração financeira nos Estados Unidos teve continuidade com a concretização de mais quatro transações (Tabela 1). A fusão do NationsBank — um importante banco “super-regional” que nos últimos anos absorveu mais de cem instituições de porte variado — e do BankAmerica criou o segundo maior grupo financeiro do país. A fusão do Banc One com o First Chicago criou o maior banco do Meio-Oeste. O Consec, um grupo de seguros, adquiriu a Green Tree Financial, instituição especializada em financiamento de *trailers* residenciais. E a Household International, empresa de cartão de crédito, comprou a Beneficial Corp., outra companhia de financiamento ao consumidor.

Esse processo se insere em um movimento de reestruturação do sistema financeiro americano, iniciado na primeira metade dos anos 80, no qual observa-se uma tendência à consolidação dos “supermercados de serviços financeiros” (*full-service banking*), mantendo separadas suas jurisdições. Os bancos comerciais encontraram formas de operar nos mercados de capitais como corretoras, administradoras de fundos mútuos e bancos de investimento, realizando negociação, subscrição e lançamento de títulos e comercialização de cotas de diversos tipos de fundos. A maioria dos bancos organizou-se como *multibank holding companies*, as quais são de fato geridas em termos consolidados (ver Gráfico 1). Isto é, as estratégias e os procedimentos são realizados no âmbito da *holding company*.

Tabela 1: As Maiores Fusões e Aquisições no Setor Financeiro Americano (1995-1998)

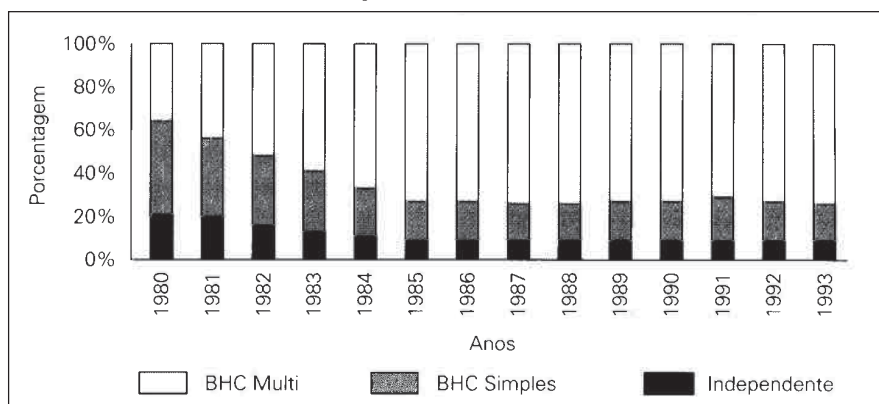
Empresa	Data Anunciada	Valor do Negócio ⁽¹⁾
Travelers Group – Citicorp	06.04.1998	70,00
NationsBank – BankAmerica	13.04.1998	64,80
Banc One – First Chicago	13.04.1998	29,80
First Union – Core States Financial	18.11.1997	17,10
NationsBank – Barnett Bank	29.08.1997	15,52
Wells Fargo – First Interstate Bancorp	24.01.1996	12,31
Chemical Banking – Chase Manhattan	25.08.1995	11,36
Dean Witter Discover – Morgan Stanley	05.02.1997	10,72
Washington Mutual – H. F. Ahmanson	17.03.1998	9,88
Travelers Group – Salomon Brothers	24.09.1997	9,75
Household International – Beneficial Corp.	07.04.1998	8,60
Consec – Green Tree Financial	07.04.1998	7,60

Fonte: SNL Securities, publicado na *Folha de S.Paulo*, 14.04.1998, Caderno 2, p. 1 William Lewis (1998) “Novas Fusões Movimentam mais 18 bi nos EUA. *Financial Times*, publicado na *Gazeta Mercantil*, 08.04.1998, p. 8-24.

Nota: (1) Em US\$ bilhões.

Ao mesmo tempo, apreende-se um processo semelhante nos demais países desenvolvidos (ver Tabela 2). O movimento de liberalização e desregulamentação financeira iniciado nos anos 80 viabilizou a diversificação de atividades, ao eliminar as segmentações entre as atividades de bancos comerciais e de investimentos em vários países, bem como as barreiras institucionais entre as atividades bancárias e de seguro existentes naqueles países onde já predominava a organização bancária universal ou múltipla. Além disso, a própria busca de ampliação da base de clientes e de negócios inerente à dinâmica concorrencial do sistema financeiro vem promovendo a concentração e a centralização financeira mediante fusões e aquisições.

Gráfico 1: Distribuição dos Ativos Bancários Americanos



Fonte: Federal Reserve Board, extraído de Ettin (1998, p207).

Tabela 2: Fusões e Aquisições no Setor Bancário – Países Selecionados (1989 -1996)

	Números				Valores (em US\$ bilhões)			
	1989-90	1991-92	1993-94	1995-96 ⁽¹⁾	1989-90	1991-92	1993-94	1995-96 ⁽¹⁾
Alemanha	19	71	83	27	1,1	3,5	1,9	0,7
Austrália	23	19	20	9	2,3	0,9	1,5	2,5
Bélgica	11	22	18	12	0,0	1,0	0,6	0,4
Canadá	13	29	31	14	0,8	0,5	1,8	0,1
Espanha	30	72	44	26	4,0	4,3	4,5	2,1
E. Unidos	1.501	1.354	1.477	1.176	37,8	56,8	55,3	82,5
Finlândia	6	51	16	4	0,4	0,9	1,0	0,8
França	52	133	71	43	2,7	2,4	0,5	3,2
Holanda	12	20	13	7	10,9	0,1	0,1	0,8
Itália	41	122	105	65	8,2	5,3	6,1	3,0
Japão	8	22	8	17	31,2	0,0	2,2	33,8
Noruega	12	23	24	2	0,4	0,1	0,2	0,4
R. Unido	86	71	40	28	6,4	7,5	3,3	21,7
Suécia	10	38	23	8	2,0	1,1	0,4	0,1
Suíça	31	47	59	14	0,5	0,4	3,9	0,7

Fonte: BIS (1996).

Nota (1) Até abril de 1996.

O aumento das pressões concorrenciais, a partir da criação de megainstituições financeiras, tem desencadeado reações defensivas, que se traduzem em ondas sucessivas de fusões. O caso canadense explicita esse movimento. Embora o sistema bancário doméstico já apresentasse um elevado grau de concentração, em que os cinco maiores bancos dominavam cerca de 90% do mercado, no início de 1998, foram anunciadas duas fusões envolvendo esses grandes bancos. Em janeiro, uniram-se o Royal Bank of Canada, o maior banco do país, e o Bank of Montreal, o terceiro em termos de ativos totais. Em abril, o Canadian Imperial Bank of Commerce, segundo maior banco, e o Toronto-Dominion Bank, quinto do *ranking* doméstico, anunciaram a fusão, em um negócio estimado em US\$ 15 bilhões.

A título de ilustração, é apresentada no Quadro 1 uma relação das principais operações de fusões e absorções bancárias ocorridas entre 1995 e 1998. Como pode ser observado, aconteceram 41 operações, considerando apenas as transações envolvendo os 200 maiores bancos do mundo por montante de capital. Desse total, dezoito foram efetuadas na Europa, dezesseis nos Estados Unidos, duas no Japão, Brasil e Canadá e uma na Austrália.

Na Europa, a consolidação bancária está associada à constituição do mercado monetário e financeiro unificado, a partir da introdução do euro. Num primeiro momento, as fusões se concentraram no âmbito das fronteiras nacionais. Contudo, a partir de 1996, observa-se também a ocorrência de transações transfronteiras, as quais devem se multiplicar nos próximos anos, como a criação do Dexia, a partir da associação de dois bancos de crédito cooperativo da França e da Bélgica, a fusão de duas grandes instituições, uma belga e uma holandesa, bem como do quarto banco sueco com o maior banco finlandês. Da mesma forma, tem ocorrido aquisições de bancos de investimentos ingleses, e mesmo americanos, por instituições bancárias da Europa Continental, fortalecendo suas posições nos mercados de capitais.

Nesse movimento, a estrutura dos sistemas bancários domésticos está se modificando de modo considerável. Na Alemanha, por exemplo, a posição dominante dos três principais bancos (Deutsche, Dresdner e Commerzbank) começou a ser ameaçada em 1997, quando ocorreram duas importantes fusões. O Bayerische Vereinsbank AG e o Bayerische Hypotheken-und Wechsel-Bank AG anunciaram uma fusão, tornando-se o segundo maior banco, e o Bankgesellschaft Berlin AG (formado pela fusão de três bancos estatais) concordou em pagar US\$ 3,3 bilhões pelo Norddeutsche Landesbank Gironzentrale, criando o terceiro maior banco. Essas duas operações empurraram o Dresdner e o Commerzbank para a quarta e a quinta posição, respectivamente.

Na Itália, onde a reestruturação do sistema bancário está longe de ser concluída, ocorreram várias fusões, entre as quais, em meados de abril de 1998, a do Banco Credito Italiano com o Unicredito, uma *holding* formada por três bancos de poupança e de crédito. Essa operação, efetuada mediante uma troca de ações, criou o segundo maior banco do país e o maior da região norte, quanto ao número de agências e ao volume de depósitos.

Na Suíça, o Union Bank of Switzerland e o Swiss Bank fecharam um acordo em dezembro, que, quando efetivado, resultará no maior banco do país e da Europa. A fusão desses dois grandes bancos, com ampla presença internacional e múltiplas atividades, visa, além de maior escala de negócios, à redução de custos pela

eliminação de postos de trabalho e de duplicação de funções. Apenas no mercado doméstico será efetuado um corte de sete mil empregos ao longo dos próximos anos. Tal meta será atingida, sobretudo, mediante a não-reposição do quadro funcional quando houver desligamentos.

Quadro 1: Principais Fusões e Absorções entre os 200 Maiores Bancos do Mundo (1995-1998)⁽¹⁾

	Ano	País	Instituição	Rank ⁽²⁾
Fleet Financial Shawmut National Corp.	1995	Est. Unidos	Fleet Financial	53
Banco di Roma B. Naz. Dell'Agricoltura	1995	Itália	Banca di Roma	68
Chemical Bank Chase Manhattan	1995	Est. Unidos	Chase Manhattan	2
Kansalis-Osake-Pankki Unitas (Union Bank of Finland)	1995	Finlândia	Merita	137
Mitsubishi Bank of Tokyo	1995	Japão	Tokyo- Mitsubishi	5
Dresdner Kleinwort Benson	1995	Alemanha	Dresdner Bank	28
Loyds Bank TSB Group	19975	R. Unido	Lloyds TSB Group	29
ING Baring	1995	H olanda	ING Bank	35
San Paolo Bank B. Naz. Della Comunicazione	1995	It ália	Isti. Bancario San Paolo Torino	69
National Australia Bank Michigan National	1995	Austrália	Nat. Australia Bank	44
First Union First Fidelity	1995	Est. Unidos	First Union Corp.	20
First Chicago NBD Bancorp	1995	Est. Unidos	First Chicago NDB Bancorp	37
PNC Midlantic	1995	Est. Unidos	PNC Bank Corp.	71
Bank of Boston Baybank	1995	Est. Unidos	BankBoston	77
Credito Italiano Credito Romagnolo	1995	Itália	Credito Italiano	95
National City Integra Financial Corporation	1995	Est. Unidos	Nation al City Corp.	96
Boatmen' s Bancshares Fourth Financial Corp.	1995	Est. Unidos	Boatmen's Bancshares	
Unibanco Banco Nacional	1995	Brasil	Unibanco	14 5
Bank One Corp. Premier Bancorp	1996	Est. Unidos	Bank One Corp.	33
Cariplo Ambrosiano Veneto	1996	Itália	Cariplo	58

Wells Fargo Co. First Interstate	1996	Est. Unidos	Wells Fargo Co.	55
Crédit Local de France Crédit Communale de Belgique	1996	União Europeia	Dexia	57
Summit Bancorp Collective Bank	1996	Est. Unidos	Summit Bancorp	139
BMJ Holding				
ING B. Bruxellas Lambert	1997	Holanda Bélgica	ING	35
Bank Austria Creditanstalt-Bankverein	1997	Austria	Bank Austria	91
Boatmen' s Bancshares Nations Bank	1997	Est. Unidos		
Barnett s NationsBank	1997	Est. Unidos	NationsBank	13
Merita Nordebanken	1997	F1nlând1a Suécia	Merita- Norbanken	137
US Bancorp First Bank System	1997	Est. Unidos	US Bancorp	74
Bankgesellschaft Berlin Norddeutsche Landesbank	1997	Alemanha	Bankgesellschaft Berlin	86
Bayensche Vereinsbank Bayerische Hypo. & Weschel B	1997	Alemanha	Bayerische Hypoth. und Vereinsbank	70
U. Bank of Switzerland Swiss Bank Corporation	1997	Suíça	United Bank of Switzerland	14
Bradesco BNC Crédito Real de MG	1997	Brasil	Bradesco	65
1. B. San Paolo de Torino IMI	1998	Itália		69 94
National City Corp First of America	1998	Est. Unidos		96 179
Royal Bank of Canada Bank of Montreal	1998	Canadá		46 54
Kredietbank CERA	1998	Bélgica		104 156
C.I.B.C. Toronto-Dominion Bank	1998	Canadá		45 78
Wells Fargo Co, Norwest Corp.	1998	Est.Unidos		55 64
Generale Bank ASLK-CGER Fortis Bank	1998	Bélgica Bélgica Holanda		93 142 189
Asahi Bank Tokai Bank	1998	Japão		47 32

Elaboração própria a partir das seguintes fontes: *The Bankers*, varios anos; *Euromoney*, varios números; *Institutional Investor*. vários números

Notas: (1) Não inclui as fusões entre bancos e seguradoras

(2) Classificação por montante do capital *tier one*, posição em dezembro de 1997, exceto para os bancos japoneses, cujo ano fiscal se encerrou em 31 de março 1998 (*The Bankers*, "Top 1000", July, 1998)

Nesse movimento, vários bancos procuram se firmar como bancos globais, dado que as atividades no exterior são fontes de importantes receitas. A Tabela 3 lista 30 dos 50 maiores bancos globais, classificados pela revista *The Banker*, de acordo com o peso dos ativos no exterior como porcentagem dos ativos totais¹. Apreende-se que os bancos com vastas redes de dependências externas, como o Standard Chartered, o HSBC, o Crédit Agricole e o Citibank, obtêm a maior parte de suas receitas totais no estrangeiro.

Tabela 3: Os 30 Maiores Bancos Globais por Ativos no Exterior como % dos Ativos Totais (Posição em 31 de dezembro de 1996)

Ranking Global	Ranking Mundial	Instituições	País de Origem	Ativos no Exterior / Ativos Totais (%)	Receitas no Exterior/ Receitas Totais (%)	Staff no Exterior / Staff Total (%)
1	94	Standard Chartered	Reino Unido	74,34	83,43	88,69
2	22	Credit Suisse Group	Suíça	74,21	49,6	32,36
3	10	Union B. of Switzerland	Suíça	71,00	n. d.	26,00
4	3	Crédit Agricole	França	70,30	61,00	59,00
5	28	Suisse Bank Corp	Suíça	64,60	39,20	34,40
6	1	HSBC Holding	Reino Unido	62,80	63,80	55,80
7	5	Citicorp.	Est. Unidos	59,63	56,65	51,67
8	26	Comp. Financiere Paribas	França	55,61	45,86	31,98
9	41	Crédit Lyonnais	França	52,50	41,00	35,00
10	153	Creditanstalt-Bankverein	Áustria	52,31	16,76	20,57
11	115	Erste Bank	Áustria	50,98	n. d.	3,00
12	23	JP Morgan	Est. Unidos	50,92	59,22	n. d.
13	56	Bankers Trust	Est. Unidos	49,50	28,00	27,30
14	8	ABN Amro Bank	Holanda	49,39	52,81	50,83
15	141	Allied Irish Banks	Irlanda	48,83	49,44	50,37
16	20	National Westminster	Reino Unido	47,39	37,45	n. d.
17	27	Société Générale	França	46,82	50,70	22,59
18	38	National Australia Bank	Austrália	46,70	40,20	51,90
19	6	Deutsche Bank	Alemanha	46,51	28,74	33,00
20	50	Canadian Imperial B. of C.	Canadá	44,00	30,00	10,00
21	72	Bank of Montreal	Canadá	44,00	58,00	22,00
22	68	Banca Commerciale Italiana	Itália	43,60	37,20	28,90
23	51	Banco Bilbao Vizcaya	Espanha	43,50	38,20	43,60
24	29	Dresdner Bank	Alemanha	43,00	33,04	14,90
25	73	ANZ Banking Group	Austrália	42,00	46,00	41,00
26	21	Banque Nationale de Paris	França	37,40	24,10	25,80
27	58	Scotiabank	Canadá	37,00	49,00	18,00
28	12	Sanwa Bank	Japão	35,00	41,00	11,50
29	112	Central Hispano	Espanha	33,91	11,76	n. d.
30	45	Banco Santander	Espanha	33,88	39,47	47,00
Para Memória						
34	62	Banco do Brasil	Brasil	32,2	n. d.	1,3

Fonte: *The Banker* (1998, pp. 40-42)

¹ Na elaboração do *ranking* dos 50 maiores bancos globais, a revista *The Banker* considerou apenas aquelas instituições cujos ativos no exterior superavam os 20% dos ativos totais.

Os vínculos entre instituições bancárias e seguradoras que deram origem a um novo tipo de conglomerado financeiro, denominado *bancassurance* ou *allfinaz*, vêm igualmente se intensificando desde meados dos anos 80 (Borio & Filosa, 1995). Por exemplo, uma das instituições pioneiras dessa nova modalidade, o holandês ING Group, adquiriu a seguradora americana Equitable of Iowa em 1997. Nesse mesmo ano, na Suíça, o segundo maior banco, Crédit Suisse, fundiu-se com a seguradora Winterthur Group, a segunda do país e a quarta do mundo.

No mercado de seguros também está ocorrendo fusões e aquisições, inclusive com grandes associações entre seguradoras situadas em países diferentes (ver Tabela 4). A maior operação em termos de volume financeiro ficou por conta do grupo suíço Zurich Insurance Corp., que se fundiu com a britânica Bar Industries Pie Financial Services Operations. Destaca-se ainda a megafusão entre a segunda maior seguradora da Alemanha, Allianz AG, com a segunda maior da França, Assurance Générale de France (AGF). Essa negociação permitiu que a Allianz restaurasse sua posição de maior seguradora da Europa após a fusão dos grupos franceses, Union des Assurances de Paris (UAP) e AXA.

Tabela 4: Principais Negócios de Fusões e Aquisições entre Seguradoras⁽¹⁾(1997-1998 (fev.))

Instituições	tipo da Operação	Ano	Países	Valor do Negócio (US\$ bilhões)
Commercial Union General Accidente Pic	fusão	1998	Reino Unido	24,8
Zurich Insurance Corp. BAT Industries Pic Financial Services Operations	fusão	1997	Suíça Reino Unido	38,0
Crédit Suisse Winterthur Group	fusão	1997	Suíça	8,5
Allianz AG Assurance Générale de France	aquisição	1997	Alemanha França	10,3
Assurance Générale de France Athena Assurances	aquisição	1997	França	2,0
Prudential Insurance Co. Scotish Amicable	aquisição	1997	Est. Unidos Reino Unido	4,6
ING Group Equitable of Iowa	aquisição	1997	Holanda Est. Unidos	2,2
Union des Assurances de Paris AXA	fusão	1997	França	n.d.
Skandinaviska Esnskilda Banken Trygg-Hansa	n.d.	1997	Suécia Dinamarca	2,2

Fonte: *Financial Times*, em Bueno (1998) e House (1998)

Nota: n.d = informação não disponível. (1) Inclui operações realizadas entre instituições bancárias e seguradoras.

Esse processo de concentração financeira ainda em curso nos diversos países desenvolvidos não permite interpretações conclusivas sobre suas possíveis implicações e desdobramentos. Em princípio, as fusões e as aquisições viabilizam a ampliação da base de capital, da rede de distribuição, de clientes e negócios. Do mesmo modo, possibilitam sinergias e redução de custo, pois eliminam a duplicação de despesas com pessoal, publicidade, pesquisa e desenvolvimento etc., bem como economias de escopo e de escala². Todavia, o sucesso dessa forma de conglomeração pode esbarrar em dificuldades associadas às diferenças de culturas operacionais e aos conflitos de interesses que surgem, eventualmente, nesse tipo de estrutura organizacional complexa.

O aumento do poder de monopólio a partir da formação dessas megainstituições é ressaltada como uma consequência deletéria pela literatura especializada. Entretanto, tal resultado é inerente à dinâmica da acumulação e valorização capitalista, a qual estimula a busca do poder de monopólio e, portanto, de lucros cada vez maiores. Além disso, entendida como processo incessante, e não como estrutura estática de mercado, a concorrência capitalista não se opõe à noção de monopólio. Assim sendo, o tamanho da instituição não é garantia da sua perenidade, uma vez que o êxito depende de um conjunto de fatores e de condições que não podem ser previstos nem controlados.

Da mesma forma, a cooperação também não se opõe à noção de concorrência, como mostra a recente aliança firmada entre o Mellon Bank, um dos principais bancos custodiantes do mundo, e o grande banco holandês ABN Amro (*Financial Times*, 1998). Essas duas importantes instituições decidiram se aliar para oferecer serviços de custódia global ao redor do mundo, responsabilizando-se pela administração de ativos financeiros da ordem de US\$ 2,55 bilhões, reduzindo custos operacionais nas áreas de marketing e de serviço. Essa união viabilizará a expansão do volume de serviço de custódia em termos globais. Isso não impede que esses bancos continuem competindo em outras áreas da atividade bancária e financeira. No entanto, ao promoverem uma concentração maciça de capital nos setores financeiros, as fusões podem contribuir para elevar o risco sistêmico. Essas transações potencializam maior grau de exposição ao risco, bem como uma acelerada propagação dos distúrbios, dada a estreita interação dos diferentes mercados, nacionais e internacionais. A utilização de novos instrumentos — derivativos e outras operações não-registradas no balanço, reduz o grau de transparência das transações e dificulta a mensuração dos riscos envolvidos. Além disso, a constituição de instituições gigantescas pode estimular o risco moral. Como se consideram grandes demais para falir, tendem a exacerbar o comportamento de risco intrínseco à atividade financeira na economia capitalista. Isso ficou evidente no episódio da falên-

² No que se refere à existência de economia de escala nas atividades bancárias, não há consenso na literatura: enquanto os estudos sobre o caso americano são inconclusivos, os sobre os países europeus apontam fortes evidências. Sobre esse ponto, ver, por exemplo, Berger, Humphrey & Smith (1993) e Muldur & Teston (1989).

cia virtual do fundo de investimento de risco (*hedge fund*), altamente alavancado, *Long Term Capital Management*, que expôs o enorme envolvimento de grandes americanos e europeus com o financiamento da especulação e exigiu a intervenção do Federal Reserve, mediante a montagem de uma operação de salvamento. Esta intervenção do Federal Reserve na prática atuando como emprestador de última instância evitou a eclosão de uma grave crise sistêmica.

A atuação dos conglomerados nos múltiplos segmentos das atividades financeiras limita ainda a capacidade de controle e de fiscalização das autoridades de supervisão, as quais são, em geral, especializadas. Efetiva supervisão desses conglomerados exigiria a unificação ou um esforço de trabalho conjunto dos diversos órgãos. Na Dinamarca (1988), na Suécia (1991) e no Reino Unido (1997), as funções de supervisão e fiscalização das atividades bancárias comercial, de investimento e de seguro foram subordinadas a uma única entidade.

Nos países em que ainda prevalece um sistema de regulamentação e controle segmentado, os bancos centrais estão priorizando uma supervisão preventiva das instituições bancárias, de modo que minimize as possibilidades e os custos de eventuais falências. Nos Estados Unidos, por exemplo, o Congresso introduziu, em 1991, o programa Ação Corretiva Imediata. A partir dessa regulamentação, o *Federal Deposit Insurance Corporation* (FDIC) passou a ter instrumentos de intervenção tão logo identifique problemas em instituições. Por meio de um sistema informatizado e unificado de avaliação de risco dos bancos, o Federal Reserve atribui notas à solvência das instituições financeiras mediante estimativas estatísticas. Dependendo da nota atribuída à instituição, há procedimentos automáticos de intervenção do Banco Central e do FDIC.

Enfim, todo esse processo de concentração dos sistemas financeiros nos países desenvolvidos pode conduzir a maior instabilidade do capitalismo contemporâneo. De um lado, as fusões e as aquisições amplificam o potencial de risco sistêmico, bem como estimulam o comportamento imprudente e audacioso dessas megainstituições. De outro, ao mobilizar um volume enorme de recursos nos mercados acionários, contribuem para exacerbar os movimentos de valorização fictícia de ativos, o que pode redundar em turbulências.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Charles et al. (1998) *International capital markets: developments, prospects and keys policy issues*. Washington, D.C.: International Monetary Fund (World Economic and Financial Surveys), September.
- AGLIETTA, Michel (1995) *Macroéconomie Financière*. Paris: Éditions la Découverte.
- BERGER; HUMPHREY, & SMITH (1993) "Economies d'échelles, fusion, concentration et efficacité". *Revue d'Economie Financière*, n° 27, (Numéro spécial sur l'industrie bancaire), Paris, pp. 123-154, hivcr.
- BANKER (The) (1998a) "The top 1000". *The Banker*, London: Financial Times Magazines, July.
- BANKER (The) (1998) "Top 50 global banks". *The Banker*, London: Financial Times Magazines, February.
- BANKER (The) (1997) "Top 1000". *The Banker*, London: Financial Times Magazines, July.

- BIS (1998) *68th Annual Report*. Basle: Bank for International Settlements, June.
- BIS (1997) *67th Annual Report*. Basle: Bank for International Settlements, June.
- BIS (1996) *66th Annual Report*. Basle: Bank for International Settlements, June.
- BLOMMESTEIN, H. J. (1995) "Structural changes in financial markets: overview of trends and prospects". In *The Financial Landscape: forces shaping the revolution in banking, risk management and capital markets*. Paris: OECD, pp. 9-47.
- BLOOMBERG NEWS (1998) "Fusão muda sistema financeiro da Alemanha", republicado na *Gazeta Mercantil*, 6.3.1998, p. B-18.
- BORIO, E. V. & FILOSA, R. (1995) "The changing borders of banking: trends and implications" In: *The financial landscape: forces shaping the revolution in banking, risk managements and capital markets*. Paris: OECD, pp. 49-95.
- BUENO, Denise (1998) "Megafusões alteram o panorama mundial ". *Gazeta Mercantil*, 1 5.4. 1 998, Caderno Indústria de Seguros, p. 2.
- CINTRA, Marcos Antonio Macedo (1997) *As transformações na estrutura do sistema financeiro dos Estados Unidos: a montagem de um novo regime monetário-financeiro (1980/1995)*. Campinas: Unicamp/Instituto de Economia (Tese de Doutorado).
- CINTRA, Marcos A. M. & FREITAS, M. Cristina P. (1998) "O processo recente de concentração financeira nos principais países desenvolvidos". *Indicadores IESP*, n. 65, São Paulo: Fundap, abril.
- ETTIN, Edward C. (1998) "The evolution of the North America banking system", in OECD, *The financial landscape: forces shaping the revolution in banking, risk managements and capital markets*. Paris: OECD, pp.207.
- FINANCIAL TIMES (1998) "ABN Amro e Mellon anunciam aliança" Artigo republicado na *Gazeta Mercantil*, 04-11-98, pp. B-7.
- FREITAS, M. Cristina Penido de (1997) *Concurrence bancaire, spéculation et instabilité financière: une lecture hétérodoxe de l' évolution récente du système financier international*. Villetaneuse: Université de Paris XIII/U.F.R. de Sciences Economiques et Gestion (These de Doctorat en Sciences Economiques).
- HOUSE, Richard (1998) "European's year of the deal. *Institutional Investor*, January, pp. 5 1- 55
- LEWIS, William (1998) "Novas fusões movimentam mais 18 bi nos EUA". *The Financial Times*, publicado na *Gazeta Mercantil*, 8/04/98, pp. B-24.
- MULDUR, U. & TESTON, P. (1989) "Bilan critique sur la littérature économique en matière d'indicateurs de coût et rendement d'échelle dans la banque". Caisse des Dépôts et Consignations (Document de Travail n. 1989-07), Paris. *Revista de Economia Política*, vol. 20, nº 2 (78), abril- junho/2000

